

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 4-5 • 1986-1987

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

L'Homme, son Évolution, sa Diversité

Manuel d'Anthropologie Physique

FEREMBACH, D., SUSANNE, CH. e CHAMLA, M.-Cl.

Paris, Editions CNRS et Doin, 1986, 572 p.

Obra extensa desenvolvendo aspectos diversificados de um campo da ciência, encarada no seu sentido mais lato — a Antropologia Física ou Biológica.

Como é focado na INTRODUÇÃO, esta obra foi conceptualizada na perspectiva de colmatar uma lacuna — a dispersão do leitor. Nela foram agregadas linhas de investigação com enfoques vários, permitindo, assim, ao seu utilizador saber algo mais sobre o aparecimento, evolução e *modus vivendi* da espécie a que pertence.

Os coordenadores D. Ferembach, Ch. Susanne e M.-Cl. Chamla souberam, numa acção combinada, obter de um largo grupo de cientistas internacionais e apresentando eles próprios algumas das suas linhas de investigação, um leque de trabalhos, senão exaustivo, pelo menos tão vasto quanto lhes foi possível.

O subtítulo da obra, Manual de Antropologia Física, fez-nos supôr que fosse dirigida, essencialmente, a estudantes; porém, a nossa expectativa foi agradavelmente ultrapassada já que contém, também, trabalhos de grande especificidade.

Fazer uma sinopse dos diferentes artigos seria demasiado longo e pouco elucidativo para o leitor, dado que o SUMÁRIO se apresenta bem estruturado, permitindo, não somente esclarecer do conteúdo de cada trabalho, como também remeter rapidamente para qualquer assunto.

Comentar e analisar cada um dos trabalhos de *per si* ser-nos-ia árduo, demasiado ambicioso e mesmo impossível, pois que muitos deles, abordam temas bastante especializados.

Limitar-nos-emos a apresentar os grandes conjuntos-chave que orientaram os coordenadores-autores no agrupamento dos grandes temas, em capítulos ou partes, e um esquema sequencial dos trabalhos dos diferentes colaboradores.

Os trinta e nove artigos que constituem os quatro grandes eixos temáticos deste Manual (excluídas a Introdução e a Conclusão) são:

- 1— Bases metodológicas
- 2— Ordem dos Primatas
- 3— Os hominídeos fósseis
- 4— O homem actual

A primeira parte — *BASES METODOLÓGICAS* — compreende trabalhos de Ch. Susanne (*Bases genéticas*), F. Demoulin (*Técnicas antropológicas*), A. Leguebe (*Métodos biométricos*) e de Cl. Masset (*Indicadores paleodemográficos*).

Os dois artigos que focam os estudos da segunda parte, dedicada à *ORDEM DOS PRIMATAS*, são: um de R. Saban (*A ordem dos Primatas: sistemática e anatomia comparada*) e, o outro, de J. Grouchy (*Evolução cromossómica dos Primatas*).

O terceiro tema — *OS HOMINÍDEOS FÓSSEIS* — contou com 8 colaboradores, perfazendo um bloco de 14 artigos:

DEBÉNATH, A. — *Quadro biocromoestratigráfico*

COLBÈRE, L. — *Australopithecus e Homo habilis*

HEIM, J.-L. — *Homo erectus*

— *Os homens de Néandertal*

BILLY, G. — *Homo sapiens sapiens fossil da Europa*

— *Homo sapiens sapiens da Ásia e da Oceania*

FEREMBACH, D. — *Os homens do Holoceno*

— *Homo sapiens sapiens na Ásia até ao Neolítico*

— *Homo sapiens sapiens na África: das origens até ao Neolítico*

— *Desde os homens neolíticos até às populações actuais*

— *Conclusão*

GARRALDA, M. D. — *A antropologia do Neolítico e do Eneolítico na Europa*

CHAMLA, M.-Cl. — *Os homens neolíticos de África*

TRINKAUS, E. — *Os homens fósseis da América e as origens dos Americanos*

Foram vinte os antropólogos que colaboraram na quarta parte, num total de 19 trabalhos, versando o tema genérico, *O HOMEM ACTUAL*:

RIQUET, R. — *A taxonomia humana*

RIQUET, R. et al. — *Antropologia patológica*

CHIPAUX, C. — *As mutilações rituais*

SUSANNE, Ch. — *Estrutura biodemográfica e variações genéticas*
— *Senescência: efeitos antropológicos*

- MOESCHLER, P. — *O clima*
ARNAUD, J. e LARROUY, G. — *A altitude*
FROMENT, A. — *Aspectos nutricionais da Antropologia*
HAUSPIE, R. — *Crescimento*
ASHIZAWA, K. e SUSUKI, T. — *Demografia e epidemeologia antropológica no Japão*
DARLU, P. — *Varição fisiológica e bioquímica. Incidências práticas em Antropologia*
LEFÈVRE-WITIER, Ph. — *Varição devida aos sistemas polimórficos: os marcadores genéticos*
LEGUEBE, A. — *Varição morfológica: a cor da pele*
VRYDAGH-LAUREUX, S. — *Dermatoglifos*
WANGERMEZ, J. — *Variações morfológicas dos órgãos internos*
GLOOR, P.-A. e CHAMLA, M.-Cl. — *Variações diacrónicas dos últimos 3 séculos. Dados e factores responsáveis*
HOWELLS, W. W. — *Origem da diversidade actual*
HIERNAUX, J. — *O conceito não taxonómico da variação humana*
BENOIST, J. — *A mestiçagem*

Na quinta e última parte, denominada CONCLUSÕES, Ch. Susanne, no seu artigo traça, em breves linhas, o *Balanço e finalidades da antropologia física*.

Gostaríamos de ter visto tratadas, ainda que num condensado rápido, as utilizações práticas duma tão fascinante ciência mostrando, sobretudo aos estudantes e aos «curiosos interessados», o *que é e o porquê* da Antropologia aplicada. Evidenciar que a investigação antropológica, em campos bem específicos, é de extrema utilidade, tendo aplicação imediata no nosso quotidiano (ainda que na p. 556 se fale do interesse que o arquitecto lhe deve votar), que não é uma ciência meramente especulativa, que não é essencialmente ciência pura, nem de aplicação a longo prazo.

Sentimos, também, que ficaria mais enriquecido e acessível este Manual, se um breve glossário tivesse sido introduzido, dado que é uma obra de consulta para muitos estudantes.

Se alguns autores explanaram os seus temas até à exaustão, melhor dizendo, dirigiram-nos a especialistas, outros houve que souberam equacionar as suas linhas de investigação a nível de manual para estudantes, mérito que nem sempre é facilmente conseguido.

A vasta bibliografia referenciada em cada trabalho dá possibilidades de aprofundar temas diversificados e é algo que gostaríamos de realçar.

Recomendamos, pois, esta obra, que teve como charneira uma visão de conjunto da complexidade e extensão dos estudos sobre a origem, evolução e a diversidade do *Homo sapiens sapiens*, a investigadores, professores, estudantes e a todos os «estudiosos» interessados em saber algo mais sobre o que

fomos e o que somos, independentemente da latitude em que vivemos, do credo que professamos ou da quantidade de melanócitos que cada um de nós possui.

«A diversidade biológica e cultural, sendo reconhecida, implica tolerância na diferença (p. 557)».

M. A. T. Rocha